

## FEIRAS E COVID-19: TRANSFORMAÇÕES NA COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS DO CAMPO À CIDADE EM MEIO À PANDEMIA

FLOR WIENKE TAVARES<sup>1</sup>; RENATA TOMAZ DO AMARAL RIBEIRO<sup>2</sup>; RENATA MENASCHE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [florwienke@gmail.com](mailto:florwienke@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul – [re.t.ribeiro@gmail.com](mailto:re.t.ribeiro@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [renata.menasche@gmail.com](mailto:renata.menasche@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de parceria construída no âmbito do projeto de ensino “Comida para Pensar”, desenvolvido desde 2020 pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Cultura e Consumo (GEPAC), coordenado pela professora Renata Menasche e vinculado ao Curso de Bacharelado em Antropologia da UFPel, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFPel) e ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Trata-se de reflexão a partir de abordagem socioantropológica, baseada em duas pesquisas etnográficas em andamento, em que se tem buscado compreender como as/os feirantes e as/os consumidoras/es de feiras sem atravessadores, situadas em Porto Alegre e Pelotas, Rio Grande do Sul, percebem os riscos envolvendo a circulação de alimentos nas feiras no contexto da pandemia de COVID-19.

As feiras sem atravessadores constituem uma alternativa ao consumo realizado pela rede de abastecimento em grandes superfícies, sistema predominante de comercialização de alimentos articulado ao agronegócio, estruturado a partir monoculturas e criações intensivas, que fazem uso de agrotóxicos e transgênicos, além de alargar o trajeto entre lavoura e consumidor. Há, por outro lado, uma tendência de reaproximação dos consumidores à valorização de produtos locais, tradicionais e frescos, como aponta MENASCHE (2015). Assim, uma parte crescente da população está atenta a essas categorias no momento de eleger onde consumir, o que aquece alguns dos setores e movimentos pautados na alimentação alternativa, como a agroecologia e o locavorismo<sup>1</sup>.

A partir do crescimento do interesse pelas feiras sem atravessadores, em especial as agroecológicas, buscamos investigar como essa tendência se relaciona com o conjunto de mudanças (práticas e simbólicas) trazidas frente à pandemia de COVID-19. Um conceito que circunda o tema das feiras e da alimentação como um todo, sobretudo em um momento em que o tema da saúde está evidenciado, é o risco. DOUGLAS (1991), ao ponderar sobre risco desde a dicotomia entre pureza e impureza/perigo nas sociedades (que pode ser projetada nos mais variados aspectos da vida social), nos leva a refletir sobre alimentos que contêm tóxicos, químicos, transgênicos, ultraprocessados e outros elementos, em sua maioria provenientes de tecnologias humanas, e que podem ser entendidos como impuros e perigosos. Se, no caso do consumo agroecológico, há a valorização de um sistema de produção que rejeita o uso de agrotóxicos e outros agentes nocivos à saúde, desde o início da pandemia de

---

<sup>1</sup> De acordo com AZEVEDO (2015), o locavorismo é um movimento que valoriza a compra e o consumo de alimentos de origem local; a autora afirma que tem havido uma ascensão de tal tendência na última década.

covid-19, outro fator também impulsiona o interesse por feiras livres. Neste momento, ambientes como supermercados – fechados e com alta circulação de pessoas – podem ser vistos como locais de alta exposição ao coronavírus, o que tem gerado uma procura pelas feiras, que, no atual contexto, incorporaram (bem como criaram) estratégias sanitárias em suas práticas cotidianas. Essa situação vai ao encontro do que argumenta BECK (2002), quando teoriza sobre a conformação da organização social a partir da fuga dos indivíduos dos mais diversos riscos da contemporaneidade.

Nesse sentido, tendo em vista o contexto supracitado e as discussões sobre risco, neste trabalho, damos atenção aos aspectos materiais e simbólicos que se transformam ou emergem das percepções de risco nas feiras no tempo pandêmico: a implementação de medidas sanitárias, a criação e a transformação de práticas e estratégias, bem como dos modos de circulação dos alimentos.

## 2. METODOLOGIA

Desde 2020, duas pesquisas etnográficas têm sido desenvolvidas: uma nas feiras agroecológicas e orgânicas de Pelotas e a outra na Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE) de Porto Alegre. Conforme GEERTZ (2009), a etnografia é a conciliação do “estar lá” (trabalho de campo) com o “estar aqui” (revisão teórica, bibliográfica e construção da escrita). No mesmo sentido, MAGNANI (2009), ao refletir sobre a etnografia, aponta que a experiência etnográfica (o que é experimentado em campo) é indissociável da prática etnográfica (que diz respeito ao trabalho de leitura e a produção escrita). PEIRANO (2014) aponta, do mesmo modo, que toda etnografia é também teoria e que toda teoria se aprimora constantemente ao se confrontar com novas experiências de campo, resultando em uma “bricolagem intelectual”.

Nesse sentido, buscamos, neste trabalho etnográfico, conciliar o trabalho de campo (observação participante, entrevistas semiestruturadas, bloco de notas) nas referidas feiras com o trabalho de escrita e revisão teórica e bibliográfica (elaboração de diários de campo, fichamentos e resumos de artigos/livros sobre risco, consumo, alimentação, feiras, agroecologia). É importante elucidar que, dado o contexto do isolamento em virtude da pandemia, a observação participante e o uso de diários de campo também têm sido realizados no ciberespaço (SEGATA, 2015), neste caso, nas redes sociais em que as referidas feiras mantêm páginas e grupos de acesso público. De acordo com o autor, o ambiente da internet é também um espaço legítimo de socialização, e não algo irreal, afinal quem ali interage são pessoas, seres sociais.

## 3. ASPECTOS QUE SE TRANSFORMAM OU EMERGEM DAS PERCEPÇÕES DE RISCO NAS FEIRAS NO TEMPO PANDÊMICO

### 3.1 AS FEIRAS DE PELOTAS

Na cidade de Pelotas, terceira maior do estado em população, a cena emergente da agroecologia é notável, dado que a feira agroecológica mais antiga da cidade, da Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul (ARPASUL), está presente há quase 26 anos. Com o fortalecimento nacional do movimento e a tendência de procura por alimentos orgânicos, processos crescentes nas últimas décadas, o número de feiras vem aumentando na cidade.

Em decorrência da pandemia de COVID-19, passou a surgir uma variedade de ofertas de produtos locais, orgânicos e agroecológicos através das redes sociais. A estratégia de venda on-line foi adotada por muitos produtores rurais como fonte de renda extra ou principal em um momento de incertezas econômicas e do surgimento de uma série de novas normas sanitárias às quais o mundo tentava se adaptar. O número de feiras livres presenciais também seguiu aumentando durante a pandemia, espalhando-se em novos três bairros pelotenses. A etapa de mapeamento da pesquisa registrou, até maio de 2021, 13 feiras ou iniciativas de comercialização de alimentos agroecológicos *online* e 9 feiras e bancas presenciais.

Neste cenário, as redes sociais foram ferramentas importantes; houve a já citada criação de feiras on-line, mas também o uso da internet para fortalecer o *marketing* das feiras presenciais e para possibilitar que estas atendessem a pedidos de entrega em domicílio. Além disso, a própria percepção dos consumidores em relação à maior segurança proporcionada pelos alimentos orgânicos e pelo ambiente ao ar livre das feiras contam pontos a favor. Podemos ver nessas situações um movimento de fuga aos riscos sanitários, intensificado pela pandemia.

### 3.2 A FAE EM PORTO ALEGRE

A FAE é uma tradicional feira ecológica de Porto Alegre, que acontece aos sábados, das 7h às 13h (horário oficial), no bairro Bom Fim. Trata-se de uma feira sem atravessadores, em que são comercializados produtos orgânicos produzidos pela agricultura familiar. Nessa feira, como observa RIBEIRO (2020), ocorre uma grande circulação de pessoas de diferentes classes sociais e de diferentes lugares de Porto Alegre e da região metropolitana. Nela se materializam as trocas materiais e simbólicas entre o rural e o urbano, como sugerem RIBEIRO E MENASCHE (2019).

Essa importante feira da capital gaúcha acontece desde 1989, sem interrupções. Entretanto, com o início da pandemia, a FAE, por determinação da prefeitura, teve que fechar até que realizasse sua adequação sanitária. O fechamento ocorreu em um único sábado, dado que no seguinte a feira encontrava-se completamente reformulada, agregando elementos como: faixas de segurança para manter a distância; placas solicitando que os consumidores não tocassem nos produtos, apenas os feirantes podiam fazê-lo; disponibilização de álcool em gel em algumas bancas; instalação de pias improvisadas ao longo da feira; divulgação de propagandas (bastante criativas) nas redes sociais incentivando o distanciamento e o uso de máscaras e álcool em gel. Inclusive, uma antiga demanda do conselho da feira foi conquistada junto à prefeitura nesse contexto pandêmico. A FAE, que acontecia na calçada (em um espaço bastante estreito), passou a ocupar a Avenida José Bonifácio, para que as bancas pudessem manter um maior distanciamento, o que foi um grande ganho para a feira. Criou-se também uma lista de contatos das famílias rurais, com telefone e endereço de e-mail, a relação de produtos comercializados e informações sobre entrega e/ou encomenda.

Logo, na FAE, as famílias rurais tiveram que aprender, se adequar e criar novos modos de fazer a feira no contexto da pandemia. Antigas práticas foram ressignificadas, como é o caso da circulação dos alimentos, que, no contexto da pandemia, somente podem passar pelas mãos do consumidor após a compra dos

produtos. Houve a criação de novas estratégias, como as pias improvisadas e a lista de contatos com a possibilidade de entrega dos produtos em casa.

#### 4. CONCLUSÕES

Os dados brevemente analisados acima conduzem a algumas conclusões preliminares em relação ao modo como os produtores/feirantes e os consumidores agroecológicos têm se adaptado às novas condições sanitárias: de forma rápida e criativa. A pesquisa evidenciou que, em ambas as cidades, Pelotas e Porto Alegre, há um forte movimento da rede de atores que circundam o tema agroecológico e que essa interação não foi enfraquecida pela pandemia, ao contrário, percebe-se que o número de feiras cresceu nesse período. Também foi possível perceber o trabalho micropolítico de elementos visuais e discursivos (que aparecem nos ambientes presenciais e on-line) que defendem uma narrativa do alimento agroecológico como parte da solução para a crise sanitária. Consumidores, assim, alimentam-se não só de alimentos locais, frescos e sem veneno, mas também de uma ideia de saúde e pureza, em contraste ao ambiente de insegurança e perigo que, coletivamente, tentamos enfrentar.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, E. O ativismo alimentar na perspectiva do locavorismo. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 81-98, 2015.
- BECK, U. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: Nunes, Edson (org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.23-35.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991. 213 p.
- GEERTZ, Clifford. **O antropólogo como autor**. Obras e vidas. 3a edição. Editora UFRJ, 2009. 200 p.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horiz. antropol**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, 2009. p. 129-156.
- MENASCHE, R. Introdução. In: MENASCHE, R. (Org.). **Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. Intro., p. 7 - p. 14.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, 2014. p. 377-391.
- RIBEIRO, Renata Tomaz do Amaral Ribeiro. **Novidade na Feira: um estudo etnográfico envolvendo Plantas Alimentícias não Convencionais**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS. Porto Alegre. 2020.
- RIBEIRO, Renata Tomaz do Amaral; MENASCHE, Renata. A vida Social das PANC: um estudo etnográfico em feiras ecológicas de Porto Alegre. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 20, n. 51, p. 263-277, dez./2019.
- SEGATA, Jean. Um efeito ciber na antropologia. **Revista Florestan**, São Carlos, n. 4, p. 35-46, dez. 2015.